



A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5 ° ano do Ensino Fundamental

La (in)visibilidad de los pueblos indígenas amazónicos: acciones interculturales y transdisciplinarias en una clase de 5° grado de primaria

Soraya de Araújo Feitosa
Renata Morgado Silva
Bruna Queiroz Ale
Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Boa Vista/RR-Brasil

Monica Lopes Folena Araújo
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Recife/PE-Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar ações pedagógicas transdisciplinares e interculturais desenvolvidas em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. As ações aconteceram no 1º semestre do ano letivo de 2025 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR). O artigo possui natureza aplicada, caracteriza-se como descritivo-explicativo de abordagem qualitativa. O delineamento metodológico contemplou a realização de pesquisas, entrevistas, produção e apresentação de um telejornal e contou com a participação de docentes e discentes do Colégio, além de parcerias com artistas e profissionais indígenas. Como resultado destacam-se as ações transdisciplinares que promoveram vivências educativas interculturais, reconhecimento e valorização da diversidade da região norte e, mais especificamente, do estado de Roraima.

Palavras-chave: Interculturalidade; Transdisciplinaridade; Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar acciones pedagógicas transdisciplinarias e interculturales desarrolladas en una clase de 5.º grado de primaria. Las acciones se llevaron a cabo durante el primer semestre del año escolar 2025 en el Colegio de Aplicación de la Universidad Federal de Roraima (CAp/UFRR). El artículo es de naturaleza aplicada y se caracteriza por ser descriptivo-explicativo con un enfoque cualitativo. El diseño metodológico incluyó investigación, entrevistas, producción y presentación de un programa informativo, con la participación de docentes y estudiantes de la escuela, además de la colaboración con artistas y profesionales indígenas. Como resultado, se destacan las acciones transdisciplinarias que promovieron experiencias educativas interculturales, el reconocimiento y la valoración de la diversidad de la región norte y, más específicamente, del estado de Roraima.

Palabras clave: Interculturalidad; Transdisciplinariedad; Educación Primaria - Años Iniciales.

Introdução

Este artigo é um dos produtos do Projeto de Extensão Cores e Linguagens edição 2025. O referido projeto faz parte das ações do CAP/UFRR desde o ano de 2010 e tem como foco afirmar a importância da arte promovendo vivências interculturais e construção das identidades na diversidade (Feitosa et al., 2025). A edição 2025 do projeto teve como tema central: respeito, diversidade e inclusão.

Considerando a temática, três professoras pedagogas a levaram para discussão em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental e, após diálogo com os estudantes, foi decidido desenvolver ações voltadas para a contribuição dos povos indígenas na/para a formação da sociedade brasileira. O tema foi conectado a questionamentos dos estudantes sobre a participação na história e na cultura brasileiras. Os estudantes, ao compreenderem os povos indígenas como parte da formação da nossa sociedade, questionaram o porquê das professoras precisarem recorrer a materiais externos sobre os povos indígenas, e o porquê dessa temática ser, muitas vezes, escassa nos livros didáticos. As indagações discentes deram início às ações de revisão de literatura.

As revisões apontaram, conforme historiadores e antropólogos, que a estimativa da população indígena em toda a América, quando os europeus chegaram, era de aproximadamente 5 milhões de pessoas com cerca de 3 mil povos diferentes, destes 1 mil viviam na região brasileira (Munduruku, 2013). E que os povos indígenas, ao contrário do que muitas pessoas imaginam, estão presentes em diversas partes do planeta. Cerca de 305 diferentes povos indígenas vivem em todos os estados da federação brasileira, totalizando quase 1.700.000 pessoas (IBGE, 2022). Com força e resistência esses povos lutam pela garantia de direitos e espaços em todas as esferas da sociedade, eles seguem contando suas histórias e reivindicando respeito a suas culturas.

A lei 11.645 de 10 de março de 2008 é fruto da necessidade de garantir que as histórias e as culturas dos povos indígenas façam parte das aulas de todas as escolas, públicas e privadas, que oferecem a Educação Básica, com o objetivo de reconhecer e valorizar suas contribuições, abordando a diversidade cultural do país (Brasil, 2008). Munduruku (2013) diz que é impossível negar a contribuição dos povos indígenas na formação do povo brasileiro. Considerando o exposto, o artigo visa analisar ações pedagógicas transdisciplinares e interculturais desenvolvidas em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental que

aconteceram no 1º semestre do ano letivo de 2025 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR).

Transdisciplinaridade e interculturalidade: alguns apontamentos

É importante perceber os aspectos contributivos que a perspectiva transdisciplinar pode promover no âmbito escolar, Nicolescu explicita que

A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo **entre** as disciplinas, **através** das diferentes disciplinas e **além** de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 1999, p.16).

O que indica a possibilidade de trabalhar com a disciplinaridade e/ou a interdisciplinaridade contemplando a transdisciplinaridade ao admitir, nas diferentes práticas, a complexidade, os níveis de realidade e o terceiro termo incluído. Moraes (2010, p. 18) argumenta que “a transdisciplinaridade não é uma nova disciplina nem muito menos uma nova ciência, mas sim uma nova forma de abordar a realidade e a existência humana, de compreender o processo de construção do conhecimento e, sobretudo, a educação”. Podemos perceber ações transdisciplinares na dinâmica de qualquer disciplina, desde que o entendimento sobre as diferentes emoções, dinâmicas sociais, históricas e culturas seja considerado.

Para Sopelsa e Eidht (2015, p. 5):

A transdisciplinaridade se concretiza numa educação contextualizada, que valoriza as experiências, que se efetiva no exercício da problematização e do trabalho coletivo, que exige do professor uma nova atitude em relação à construção do conhecimento, ao papel do aluno nos processos de ensino e de aprendizagem.

Nessa direção, a transdisciplinaridade pode ser compreendida como uma abordagem que visa romper uma visão fragmentada do conhecimento, buscando integração entre diferentes áreas. Moraes (2015) indica uma aproximação entre transdisciplinaridade e interculturalidade ao destacar que

A abordagem transdisciplinar favorece, portanto, a ecologia dos saberes, reconhecendo a existência de conhecimentos plurais e o diálogo entre os saberes científicos e humanísticos, entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, leigos, tradicionais, camponeses, provenientes de outras culturas (Moraes, 2015, p.83).

A autora afirma ainda que “[...] não podemos separar sujeito e objeto, educador e educando, sujeito e cultura, subjetividade e objetividade, indivíduo, sociedade e natureza,

elementos mutuamente essenciais, complementares e interdependentes” (Moraes, 2010, p.32). Para Candau (2020, p.681) “somente promovendo o diálogo intercultural é possível construir uma nova perspectiva mais holística e plural em que todos os sujeitos socioculturais sejam reconhecidos como atores sociais e produtores de conhecimento”.

A perspectiva da interculturalidade considera o protagonismo da pluralidade existente na sociedade, para uma sensibilização quanto ao respeito às formas de conceber crenças, histórias, vivências e como relacionar as diferenças sem hierarquizar os saberes. Souza e Freuri (2003, p. 73), elucidam que “a educação intercultural, não sendo uma disciplina, coloca-se como uma outra modalidade de pensar, propor, produzir e dialogar com as relações de aprendizagem, contrapondo-se àquela tradicionalmente polarizada, homogeneizante e universalizante”.

Nesse ponto de vista, a interculturalidade favorece a aproximação de diferentes realidades, mostrando a complexidade existente na consolidação de uma sociedade que respeita as diferentes formas de viver. Matta (1981, p. 04) afirma que “a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos”.

Pelo exposto, ressalta-se que os povos indígenas fazem parte da construção da história do Brasil, são os povos originários dessa terra, estão presentes na sociedade. Para Morin (2007, p. 20) “o conhecimento torna-se pertinente quando é capaz de situar toda a informação em seu contexto e, se possível, no conjunto global no qual se insere”. Desta forma, o tópico seguinte discute a diversidade cultural e contribuições dos povos indígenas para a formação da sociedade.

Povos indígenas amazônidas: cultura e diversidade

Em princípio, é interessante esclarecer que *população amazônida* é um termo recente e se refere às pessoas que vivem na região da Amazônia, ou seja, é referente à diversidade de povos indígenas, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, e demais povos cujos modos de existência estão ligados aos recursos da floresta. Silva et al. (2008, p. 687) define o amazônida como “o indivíduo que vive em profunda relação de harmonia com a natureza que o cerca”.

Nesse ponto, se destaca que a diversidade cultural representa a riqueza e a variedade de culturas e abrange, por exemplo, as diferentes formas de organização social e política, as

tradições, os costumes e as expressões artísticas. Sobre cultura tradicional e popular a Unesco indica que:

A cultura tradicional e popular é um conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, as línguas, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, o artesanato, a arquitetura e outras artes (Unesco, 1989).

Alves (2011) destaca que os apelos pela diversidade e pela promoção das identidades locais se potencializam em territórios como a América Latina, visto que tais territórios possuem grande diversidade de línguas, crenças, costumes e tradições.

No Brasil há grande diversidade cultural, resultado das contribuições de diferentes povos (indígenas, africanos, europeus...). Essa pluralidade se reflete na música, na culinária, na religião, nas manifestações populares, dentre outras formas. A Unesco reconhece a diversidade cultural brasileira nos seguintes aspectos:

O valor das tradições, das artes, dos costumes e das expressões populares e indígenas; o reconhecimento da influência africana na cultura e na história brasileira; a preservação de línguas ameaçadas de extinção; o valor pelo conhecimento tradicional sobre a natureza; a sustentabilidade do uso e do investimento em infraestrutura nas reservas naturais; a consolidação dos direitos humanos; e a luta contra a discriminação (Unesco, 2025).

A Região Norte, maior em extensão territorial do Brasil, ocupa cerca de 45% do território nacional e abrange sete estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Essa região também apresenta grande diversidade cultural. Entre as festas populares destacam-se: a festa do carimbó, que acontece na cidade de Belém, capital do Pará, e mescla influências indígenas, africanas e europeias, com movimentos giratórios, saias volumosas e coloridas e músicas típicas; a festa do Sairé, celebrada em Alter do chão, um distrito do Pará, que incorpora elementos das culturas africana e indígena; o Festival Folclórico de Parintins, celebrado no estado do Amazonas, com fortes influências indígenas e apresentação de narrativas, rituais e costumes dos povos amazônicos. O festival é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

É interessante destacar que as três palavras que dão nomes às festas populares citadas são de origem indígena. A palavra carimbó tem origem na palavra Tupi-Guarani “korimbó” e

A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5 ° ano do Ensino Fundamental

significa “pau que produz som”, referindo-se ao curimbó, principal instrumento musical usado na dança (Caetano, 2025). A palavra sairé também tem origem no Tupi-Guarani e significa “salve o que tu dizes” e faz referência à forma de saudação (Melo, 2023). E a palavra parintins refere-se aos povos que habitavam a região às margens do Rio Amazonas e significa “vespa brava” (Prefeitura de Parintins, 2025).

Em Roraima, estado localizado no extremo norte do país, há grande presença de povos originários, com a quinta maior população indígena do Brasil (IBGE, 2022). De acordo com o Conselho Indígena de Roraima (CIR), entre os povos que vivem nos municípios de todo o estado, em cerca de 465 comunidades, estão os povos: Makuxi, Wapichana, Ingarikó, Patamona, Sapará, Taurepang, Wai-Wai, Yanomami, Yekuana e Pirititi (Conselho Indígena de Roraima, 2025).

Dentre os povos indígenas presentes no estado de Roraima, destacam-se, nesse artigo, as contribuições do povo Makuxi através de seis personalidades: o professor Miguel França, a poeta e escritora Sony Ferseck, o advogado Ivo Makuxi, o artesão e pintor Dones Santos, o cantor Dam Kuy A’ki e a empreendedora Vera Lucy Brandão. Os parágrafos seguintes destacam os conhecimentos e as contribuições de cada um deles na/para a sociedade roraimense.

Sony Ferseck é uma poeta e escritora paraense do povo Makuxi que vive em Roraima desde a infância, seu nome indígena “Wei paasi”, ao ser traduzido para a Língua Portuguesa assemelha-se a “irmã em Sol”. Entre as obras da autora estão: Pouco Verbo (Ferseck, 2013), Movejo (Ferseck, 2020) e Weiyami’ mulheres que fazem o sol’ (Ferseck, 2022). A produção de Ferseck faz alusão à cultura indígena, à luta das mulheres e aos ideais feministas e pode ser utilizada em instituições de ensino como recurso de aproximação e valorização da cultura indígena (Feitosa et al., 2024; Feitosa e Feitosa, 2024).

Miguel França é professor aposentado e lecionou por mais de quarenta anos. França possui experiência na Educação Básica e no Ensino Superior, em escolas indígenas e não indígenas. De origem Makuxi, seu nome indígena é “Kurana” que significa redemoinho. A experiência na área educacional permite ao professor abordar relatos de lutas, sensibilização e compreensão da pessoa indígena e seu lugar na sociedade.

O advogado Ivo Makuxi desenvolve seu trabalho com enfoque nas causas indígenas há cinco anos, porém seu histórico de lutas é mais longo. Ivo Makuxi é assessor jurídico do

Conselho Indígena de Roraima (CIR), atua na Rede de Advogados Indígenas da Amazônia Brasileira e na Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Sua atuação é focada em questões territoriais e ambientais e entre seus trabalhos mais relevantes destaca-se a participação ativa nas discussões sobre o Marco Temporal. O advogado trabalha pela defesa e reconhecimento dos povos indígenas, seus direitos e suas lutas (Garrido, 2023).

O artesão e pintor Dones Santos tem origem Wapichana e seu nome indígena “Saunuru” quer dizer jenipapo. Dones, como é conhecido, utiliza expressões artísticas que evocam história e ancestralidade por meio de pinturas, esculturas, arte com fogo, cerâmica, pintura corporal, bijoias e demais projetos. O artista produz peças e ensina técnicas milenares, por meio de oficinas, como forma de elevar sua cultura, valorizar sua história e resistir por meio da arte.

Dam Kuy A'ki é cantor da Banda Kruviana, originária de um projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima (UFRR) que tem como objetivo proporcionar o protagonismo da população acadêmica indígena por meio da música. Entre os temas abordados nas letras estão: identidade, cultura e luta, ou seja, as composições e performances destacam a luta por visibilidade e reconhecimento dos saberes indígenas.

Vera Lucy Brandão é uma empreendedora Macuxi que encontrou a agronomia consciente como forma de progredir dentro da nova marcação do território indígena da Raposa Serra do Sol. A empreendedora é especialista em questões ecológicas e resgata saberes indígenas aplicados no cultivo de café e em produtos artesanais derivados do cupuaçu. Brandão fundou sua empresa YuPrimavera, marca roraimense que combina ciência, tradição indígena e empreendedorismo feminino e que agrega valor à poupa do cupuaçu por meio de doces, licores e a famosa a jujuba de cupuaçu. A Rádio Roraima define a empreendedora como:

Mulher indígena e produtora rural consciente, preocupada com o meio ambiente, com formação em engenharia agrônoma pela Universidade Federal de Roraima, dona Vera é defensora e adepta da agricultura orgânica, priorizando o cultivo das plantações sem nenhum produto químico. Essa premissa vale principalmente para o cultivo e aquisição do cupuaçu, que quando falta em seu lote, ela compra dos produtores vizinhos, mas desde que não seja usado nenhum aditivo químico no cultivo (Rádio Roraima, 2024).

Em entrevista concedida a Lima (2025), a empreendedora destaca o significado de sua marca YuPrimavera: “Yu’ significa ‘floresta’ em macuxi. ‘Primavera’ é uma forma de

A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental

tratamento carinhoso entre parentes indígenas. Juntando os dois, temos ‘floresta da prima Vera’, que representa nosso modo de produzir e viver”.

Pelo exposto, salienta-se que a (in)visibilidade indígena é resultado de um histórico de tentativas de exclusão, silenciamento e estereótipos, mas também é marcada pela força e resistência de povos que lutam para manter vivas suas histórias e culturas, usando a arte, a literatura e a política como instrumentos. A escola, sendo um espaço de formação social, deve promover uma educação crítica e valorizar a diversidade, oferecendo uma formação cidadã que respeite as diferentes culturas. É fundamental incluir as vozes indígenas no processo educativo, reconhecendo suas contribuições e favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Delineamentos metodológicos

De acordo com Suanno (2013, p. 25) “o processo educativo precisa valorizar e respeitar os saberes, a cultura, os conhecimentos, a subjetividade, a afetividade, a emoção, o nível de elaboração de cada sujeito envolvido nesse processo”. Desta forma, para a realização do trabalho foram consideradas as expectativas das crianças em relação à temática e todas as decisões foram tomadas na coletividade, como: escolha do tema, pesquisas a serem desenvolvidas e produto final, entre outros.

As ações desenvolvidas estão amparadas em Candau (2011, p. 252) ao afirmar que “não se trata somente de trabalhar o nível cognitivo, mas também o afetivo, atitudinal e comportamental”. Proporcionar, sob essa ótica, momentos de aprendizagem interculturais em sala de aula e para além dos muros do colégio favorece a ampliação dos conhecimentos e ultrapassa aspectos conteudistas, além de possibilitar compreensões históricas e sociais por meio de vivências.

A organização didática contemplou as seguintes ações: definição do tema por meio de debates e votação, realização de pesquisas sobre os povos indígenas, produção do roteiro do telejornal e das entrevistas, realização das entrevistas e dos quadros do telejornal, montagem e edição das filmagens e apresentação do telejornal na culminância do Projeto de Extensão Cores e Linguagens. Conforme as ações desenvolvidas este artigo possui natureza aplicada, é descritivo-explicativo com abordagem qualitativa.

Os participantes das ações desenvolvidas foram: três professoras de Pedagogia, treze estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental e seis convidados do povo indígena Macuxi.

Todos os participantes, tanto os alunos, quantos os convidados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando o uso das imagens para fins de pesquisas e publicações. Quanto ao método, caracteriza-se como observação participante, onde foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a revisão de literatura e entrevistas.

Ações desenvolvidas

Após a apresentação do Projeto Cores e Linguagens e seu tema em 2025: respeito, diversidade e inclusão, os educandos perceberam que as inquietações sobre a presença e representatividade dos povos indígenas poderia ser trabalhado dentro deste projeto, elegendo então o tema: “A (in)visibilidade indígena” e definindo como ação a elaboração de um telejornal. Entre as ações definidas está a realização e socialização de pesquisas.

O trabalho de pesquisa foi direcionado para a seleção de representatividades, inovações, curiosidades e cartografia indígena. Assim, os estudantes desenvolveram uma busca minuciosa e detalhada do que eles consideraram pertinente ao telejornal em um processo longo e organizado pelas professoras envolvidas. Com os detalhes do jornal desenhados (escolha dos âncoras, dos repórteres, das matérias, dos cartógrafos), iniciou-se o processo de pesquisa sobre a trajetória de vida e profissional de cada um dos convidados. Ao todo foram selecionadas seis pessoas: uma empreendedora, um professor, um músico, um advogado, uma poeta e um artista, coincidentemente todos do povo indígena Macuxi, importante povo que junto com outros povos de Roraima participou de uma das maiores conquistas dos direitos indígenas no Brasil: a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol (Campos, 2012).

Depois da realização das pesquisas, as professoras disponibilizaram algumas aulas para a construção e seleção das perguntas que seriam utilizadas nas entrevistas. Foram momentos importantes de troca de conhecimento entre os estudantes, estimulando a criticidade na elaboração das perguntas e o protagonismo na escolha do que iria para o telejornal. Ao todo foram elaboradas uma média de 90 perguntas, sendo selecionadas as 18 mais pertinentes à entrevista (Quadro 1):

A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental

Quadro 1 – etapa de elaboração e de votação das perguntas



Fonte: acervo próprio, 2025.

Após a elaboração e seleção das perguntas foi realizada uma visita ao Centro Cultural Brasil Amazonas do Sistema social do Comércio de Roraima (SESC/RR) que comporta um cinema, o Teatro Jaber Xaud e a Galeria de Arte Franco Melchiorri. O Quadro 2 apresenta momentos da visita à exposição intitulada “Raízes Roraimenses” que dispõe de diversos quadros, utensílios e adornos de diferentes povos indígenas e conta algumas das histórias dos povos que vivem no estado de Roraima, extremo norte do país.

Quadro 2 – visita à Exposição “Raízes Roraimenses”



Fonte: acervo próprio, 2025.

Participaram da visita à galeria doze estudantes, duas professoras e cinco dos convidados(as) que foram entrevistados(as). Esse primeiro contato com os convidados(a) foi organizado para oportunizar uma roda de conversas, onde aconteceram apresentações e perguntas livres feitas pelos estudantes, seguidas de canto e dança Parixara (tradicional rito de agradecimento, é mais que uma dança, é uma oração e engloba cantos e movimentos com o objetivo de celebrar a vida, os alimentos, os animais).

Quadro 3 – momento de interação dos estudantes com as representatividades indígenas



Fonte: acervo próprio, 2025.

Simultaneamente, ao momento da roda de conversa, as professoras organizaram uma dinâmica para iniciar as gravações das entrevistas, assim cada participante e entrevistador (a) saía da roda por alguns instantes para gravar a entrevista e em seguida retornava para o coletivo (Quadro 4).

Quadro 4 – gravações das entrevistas com as representatividades indígenas



Fonte: acervo próprio, 2025.

Uma parte significativa do processo de construção do telejornal foi contemplada na visita a exposição do SESC/RR, na sequência a turma continuou desenvolvendo as ações em sala de aula, com a elaboração das falas para trabalhar a presença de povos indígenas em diferentes regiões do mundo, do país e do estado de Roraima. As crianças tiveram um momento para conhecer alguns livros de autoria indígena e escolher uma obra para indicar nas recomendações do jornal. Durante as produções a turma também montou os

A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental

teleprompters, cartazes com o roteiro e guia para os âncoras e cartógrafos. O Quadro 5 exibe algumas imagens das atividades supracitadas:

Quadro 5 – atividades realizadas para a conclusão do telejornal



Fonte: acervo próprio, 2025.

Posteriormente foi realizada a etapa de elaboração da logomarca do jornal. Em sala de aula a professora orientou que cada aluno que tivesse interesse poderia produzir uma imagem para representar o jornal visualmente, a composição poderia ter desenhos e frases de acordo com a imaginação de cada um, mas lembrou que a temática do telejornal em questão era sobre os povos indígenas. Cada participante interessado deveria explicar suas inspirações para a criação aos colegas, a professora explicou ainda que as obras produzidas seriam votadas pelos pares e a composição com o maior número de votos seria utilizada na abertura do telejornal.

Dez dos treze alunos da turma produziram imagens que passaram por um processo de apresentação na sala de aula e, posteriormente, aconteceu a votação e escolha do desenho que representaria o telejornal. No Quadro 6 estão dispostas as imagens elaboradas:

Quadro 6 – logomarcas desenhadas pelos estudantes



Fonte: acervo próprio, 2025.

Durante as apresentações as crianças demonstraram bastante interesse em transmitir mensagens relacionadas ao respeito à diversidade, as lutas dos povos indígenas em busca de espaços em diferentes estruturas da sociedade e a importância de conhecer a temática. A imagem mais votada e, conseqüentemente, vencedora foi a de número 8 do Quadro 6, no entanto a professora informou que devido ao desempenho de todos nas produções, todas as imagens seriam aproveitadas nos panfletos de divulgação da sessão de cinema no evento do Cores e Linguagens 2025.

Como última etapa os(as) alunos(as) criaram os convites com as artes propostas e frases para a apresentação do telejornal, se dividindo em equipes de *marketing*, produção das pipocas, organização do local, recepção e encerramento das sessões. Dessa organização foram gerados 9 tipos de convites além de um adesivo para identificar os estudantes.

O telejornal produzido tem 30 minutos e 42 segundos de duração e está organizado em 19 blocos. O roteiro inicia com o cumprimento e a apresentação dos âncoras, seguido da primeira reportagem sobre a exposição “Raízes Roraimenses”. Na sequência são apresentadas duas reportagens: com o artista Dones Santos e com o cantor Dam Kuy A’ki. Posteriormente entram em cena os cartógrafos com a apresentação de mapas com os povoados indígenas - mundial, brasileiro e roraimense. Em seguida são transmitidas as reportagens com a poeta Sony Ferseck, a empreendedora Vera Lucy Brandão, o advogado Ivo Makuxi e o professor Miguel França. O telejornal finaliza com a apresentação de inovações de origem indígena e recomendações.

Com o objetivo de avaliar e levantar informações sobre a percepção discente, as professoras elaboraram um questionário com as seguintes perguntas: Como foi para você participar das ações referentes à produção e apresentação do telejornal? O que você mais gostou? E o que aprendeu? O Quadro 7 destaca algumas das respostas:

Quadro 7 – respostas dos estudantes

E01 - Eu aprendi que no Brasil e no mundo existe (in)visibilidade dos povos indígenas, mas na minha opinião não deveria existir.
E02 - Foi muito legal e eu gostei muito de entrevistar, aprendi mais do que no livro.
E03 - Foi legal, eu aprendi muito sobre a cultura indígena. O que eu mais gostei foi quando a gente fez as reportagens.
E04 - Foi muito legal participar do telejornal, eu gostei de visitar a galeria.
E05 - Eu amei fazer esse jornal, aprendi sobre muitos escritores como a Sony Ferseck e o Daniel Munduruku. Aprendi sobre a culinária indígena. A jujuba de cupuaçu é muito boa.
E06 - [...] Eu gostei de ir ao Teatro Jaber Xaud e ver os indígenas famosos como, por exemplo, Vera Lucy Brandão. Eu aprendi que tem muitos povos indígenas no Brasil.
Legenda: E01 - Estudante 1

Fonte: elaboração própria, 2025.

A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental

As respostas discentes evidenciam que a experiência referente à produção e apresentação do telejornal, proporcionou a imersão na cultura indígena, além de aprendizagens sobre os diferentes povos que vivem em Roraima, no Brasil e no mundo. Também lhes permitiu perceber contribuições em diferentes áreas, como: artes, educação, culinária e economia.

Considerações finais

Em Roraima a população indígena compõe parte estruturante da formação do estado, com a quinta maior população do Brasil e, proporcionalmente, ocupando o primeiro lugar em número de pessoas indígenas e precisa encontrar formas de valorizar as culturas e as histórias dos povos dessa terra.

A escola, por receber uma diversidade incontável de públicos, é um dos espaços ideais na construção de maneiras mais plurais e inclusivas de perceber e atuar na sociedade em suas múltiplas referências e dimensões.

As ações desenvolvidas no 1º semestre de 2025, com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, permitiram não só esclarecer a dúvida inicial: onde os povos indígenas estão dentro da nossa história e porque não é tema recorrente em nossos livros didáticos? Mas também compreender que a luta contra a invisibilidade não se resume a um dia ou a uma ação, mas a um processo longo de popularização e normalização daquela cultura como parte intrínseca da nossa. Por isso foi definida a produção de um telejornal, porque aquelas representatividades deveriam ser comuns já que elas estão em tantos meios e de variadas formas.

A produção do telejornal teve reflexos imediatos nos(as) educandos(as), ao compreenderem nuances ainda em discussão em nossa sociedade, como: o que é ser indígena? O que caracteriza ou descaracteriza? Por que indígena e não índio? Como respeitar e não segregar? Quão vasta é a influência histórica, cultural e de saberes? Há existência de indígenas em outros continentes? E o reconhecimento de origens indígenas? A partir das discussões muitos estudantes perceberam que se os povos indígenas fazem parte da história do Brasil eles também fazem parte da história deles. Essas discussões foram ampliadas para descobertas, entre os estudantes, de antepassados e parentes indígenas.

Em cada sessão os estudantes, por iniciativa própria, se organizaram com falas iniciais sobre o porquê do telejornal e falas finais sobre a (in)visibilidade dos povos indígenas. Essa

ação foi realizada sem roteiro ou estímulo das professoras, demonstrando sistematização e construção de conhecimentos.

É importante salientar que o objetivo principal desta ação foi alcançado de forma significativa, proveniente de um questionamento capaz de demonstrar reflexos nas ações e atitudes dos(as) educandos(as). A luta contra a (in)visibilidade indígena ganhou reforço de vozes jovens e atuantes que compreendem que podem contribuir de forma ativa neste movimento.

Referências

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade Cultural, Patrimônio Cultural Material e Cultura Popular: a Unesco e a Construção de um Universalismo Global. **Revista Sociedade e Estado**. V. 25, n. 3, p. 539-560, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000300007>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.648, de 31 de março de 2008. Reconhece as centrais sindicais para os fins que especifica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1º abr. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11648.htm. Acesso em: 19 maio 2025.

CAETANO, Érica. **Carimbó**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/carimbo.htm>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CAMPOS, Ciro. **Diversidade socioambiental de Roraima**: subsídios para debater o futuro sustentável da região. Organização: Ciro Campos. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em <https://saopauloopencentre.com.br/wp-content/uploads/2019/05/candau.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v.13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949/32178>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Conselho Indígena de Roraima – CIR [s.d.]. **Histórico de Atuação**. Disponível em: <https://www.cir.webrr.com.br/post/cir>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FEITOSA, Soraya de Araújo; ALE, Bruna Queiroz; BARROS, Laura Juliana Neris Machado; FEITOSA, Suênia Kdidiya Araújo. Amazônia, interculturalidade, literatura e arte: uma experiência nos anos iniciais do Colégio de Aplicação da UFRR. **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação - Instrumento**, v. 26, p. 1-14, 2024, Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/45777>. Acesso em: 10 jun. 2025.

A (in)visibilidade de povos indígenas amazônidas: ações interculturais e transdisciplinares em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental

FEITOSA, Soraya de Araújo; BARROS, Laura Juliana Neris Machado; SOUZA, Bruna Costa Mariano Ferreguetti; PIMENTA, Verônica Teodora; VILLÓRIA, Eugênia Karla Ferreira de Sousa. Cores e Linguagens: um projeto de extensão voltado para a Literatura em/de Roraima. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1445>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FEITOSA, Suênia Kdidija Araújo; FEITOSA, Soraya de Araújo. A poesia de Wei Paasi: reflexões sobre representação. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé**, v. 17, n. 2, p. 169-186, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/8224>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GARRIDO, Bibiana Alcântara. Entrevista. 2023. **Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia**. Disponível em: <https://ipam.org.br/e-um-triste-capitulo-da-historia-do-brasil-diz-ivo-makuxi-sobre-marco-temporal/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 19 maio 2025.

LIMA, Giovanna. Agência SEBRAE. **Entrevista**. 2025. Disponível em: <https://rr.agenciasebrae.com.br/inovacao-e-tecnologia/e-possivel-sim-trabalhar-com-a-natureza-e-nao-contraria-ela-vera-lucy-transforma-tradicao-em-negocio-com-a-yuprimavera/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MATTA, Roberto da. **Você tem cultura?** Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.

MELO, Nazaré de. **Çairé ou Sairé e sua vertente folclórica**. Uruá-Tapera, 2023. Disponível em: <https://uruatapera.com/caire-ou-saire-e-sua-vertente-folclorica/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MORAES, Maria Cândida. Ambientes de aprendizagem como expressão de convivência e transformação. In: MORAES, Maria Cândida et al. (org). **Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010. p. 21-62.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Colaboração de Juan Miguel Batallero Navas. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Maria Conceição de Almeida e Edgar de Assis Carvalho, (orgs). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 112.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: Conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. 1. ed. digital. São Paulo: Editora Global, 2013.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

Prefeitura de Parintins. **Vídeo:** você sabe a origem do nome Parintins? Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Dl0dtHJsOuQ/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Rádio Roraima. **Entrevista:** agricultora tem vida transformada por jujuba de cupuaçu. 2024. Disponível em: <https://www.radororaima.com.br/noticias/cidade/1106969>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SILVA, Sílvia Éder Dias da; VASCONCELOS, Esleane Vilela; SANTANA, Mary Elizabeth de; LIMA, Vera Lúcia de Azevedo; CARVALHO, Francileni da Luz; MAR, Dayse Farias. Representações sociais de mulheres amazônidas sobre o exame papanicolau: implicações para a saúde da mulher. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 685-92, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452008000400012>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SOPELSA, Ortenila; EIDHT, Paulino. Reconstrução dos saberes docentes no Ensino Fundamental: Abordagem transdisciplinar. **Revista de Estudos e Investigação em Psicologia e Educação**. v. extra, n. 6, p. 1-5, 2015. Disponível em: https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2015.0.06.140/pdf_138. Acesso em: 24 jun. 2025.

SOUZA, Maria Izabel Porto de; FREURI, Reinaldo Matias. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FREURI, Reinaldo Matias (org). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

SUANNO, Rosa Vanessa Marilza. Didática transdisciplinar emergente. In SANTOS, Akiko, et. al. (org). **Didática e formação de professores: complexidade e transdisciplinaridade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

UNESCO. **Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**. Paris, 1989.

UNESCO. Diversidade Cultural no Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/node/108132>. Acesso: 12 jun. 2025.

Agradecimentos

Agradecemos aos alunos do 5º ano B (ano letivo de 2025) pelo empenho e dedicação em cada etapa desenvolvida; aos responsáveis pelos estudantes pela autorização para participação no telejornal. Reconhecemos a contribuição da Prefeitura da Universidade Federal de Roraima pela disponibilização do transporte para as locomoções necessárias e do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima por autorizar a realização das ações no espaço escolar. Agradecemos imensamente aos convidados: Dam Kuy Aki (em memória), Dones Santos, Ivo Makuxi, Miguel França, Sony Ferseck e Vera Brandão, que não mediram esforços para colaborar com as entrevistas e atenderam aos estudantes com compromisso e seriedade. Por fim, agradecemos ao Sesc/Roraima pela recepção e acolhimento durante a exposição e demais atividades lá realizadas.

Sobre as autoras

Soraya de Araújo Feitosa

Doutora em Educação em Ciências e Matemática (REAMEC), Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Roraima (UERR), Licenciada em Matemática pela UERR e em Pedagogia pela FACETEN, Professora EBTT no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR).

E-mail: soraya.feitosa@ufr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2876-9335>

Renata Morgado Silva

Doutoranda em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN), Polo Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil, Professora nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR).

E-mail: renata.silva@ufr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7475-0806>

Bruna Queiroz Ale

Especialista em Alfabetização pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e em Letras com habilitação em Espanhol e Literatura Hispânica pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR), Professora no Colégio de Aplicação da UFRR (CAp/UFRR).

E-mail: bruna.ale@ufr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5450-5288>

Monica Lopes Folena Araújo

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Ensino das Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Professora na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

E-mail: monica.folena@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0688-9782>

Recebido em: 29/09/2025

Aceito para publicação em: 14/10/2025